

RICARDO AMARAL

Tudo que sobe desce

Os olhos do governo estavam postos ontem no comportamento das bolsas de valores, de Hong Kong a Nova York, mas a imagem da derrota do presidente argentino Carlos Menem ainda está fixada na retina e na agenda de preocupações do presidente Fernando Henrique Cardoso. Com o risco de errar na citação, o que aconteceu aos votos do peronismo e ao dinheiro dos investidores nas últimas horas foi explicado três séculos atrás pelo bom padre Antônio Vieira: "Não há altura neste mundo que não seja também precipício." No popular: tudo que sobe desce.

A oposição também mira, com uma ponta de inveja, o sucesso alcançado pela aliança entre a esquerda, o centro e até setores do conservacionismo argentino. O presidente do PT, José Dirceu, voltou de Buenos Aires mais convencido do que já estava de que só uma política ampla de alianças pode dar alento a uma candidatura presidencial de seu campo. "Só por extrema burrice a oposição no Brasil não vai se unir como lá, insistindo em candidaturas isoladas e inviáveis", concluiu. "A Argentina mostrou o caminho", comemorava o deputado José Genoíno (PT-SP).

Enquanto a oposição sonhava, Fernando Henrique, agia. Primeiro, mobilizou toda a energia do governo para exorcizar os reflexos internos da crise. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, assumiu o comando da mesa de operações, vendeu dólares às mancheias e ainda soltou na praça um papelório lastreado na moeda norte-americana. Contou também com a fortuna da recuperação na bolsa de Nova York, que deve ter sido o fator que puxou para cima os negócios em São Paulo.

No campo puramente político, Fernando Henrique quebrou a monotonia do feriado do serviço público recebendo no Alvorada o presidente do PPB, senador Esperidião Amin. A ele, formulou um convite oficial para que o PPB participe da coligação com o PSDB, o PFL e o PTB na campanha da reeleição. O pragmatismo do presidente fez despencar a cotação das ações do tucanato paulista, pois sinaliza no mínimo neutralidade

em relação à candidatura, já favorita, de Paulo Maluf ao governo.

O encontro no Alvorada pode ter sido simples coincidência, mas será impossível dissociá-lo do que aconteceu no resto do planeta. Fernando Henrique jamais escondeu o empenho em aumentar o já enorme condomínio partidário de seu governo, mesmo à custa de enfrentar problemas até pessoais em São Paulo. A crise das bolsas e a derrota do governo argentino certamente reforçaram a estratégia do presidente: isolar a oposição, o que já não é muito difícil pelos erros que ela comete sozinha.

Abertamente, o presidente só admite duas hipóteses para um insucesso eleitoral: um desastre na economia ou a eclosão de um escândalo amazônico envolvendo gente do Palácio do Planalto. A crise das bolsas deu contornos de

realidade ao primeiro pesadelo. Mesmo que venha a ser contornada pelas medidas do BC e com a ajuda da providência divina, ela expôs as mais que estreitas relações entre as economias emergentes e os humores da especulação globalizada. Não somos o México nem somos Hong Kong, mas ainda não deixamos de ser o Brasil.

Na manhã de ontem, o noticiário das agências carregava um tom de catástrofe, amainado depois da recuperação das bolsas. O mundo não

acabou e por isso mesmo os setores mais conseqüentes da oposição deram mais valor ao episódio argentino do que ao terremoto das bolsas. "Não apostamos nem devemos apostar na catástrofe, que não é boa para ninguém", dizia o deputado Genoíno. Afinal de contas, não é bom negócio vencer uma guerra para reinar em cima de escombros.

Dirceu também dá mais valor à derrota do peronismo do que ao fator bolsa, mas insiste em que a crise mostrou debilidades na política cambial do governo, que serão exploradas na campanha eleitoral. Pode até ser, mas primeiro as oposições terão de fazer o dever de casa argentino e encontrar algum ponto de unidade que não seja falar mal das reformas.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Não somos o México nem somos Hong Kong, mas ainda não deixamos de ser o Brasil